

A Indústria dos mármore do Alentejo (Portugal)

Memória e imaterialidade

Armando Quintas et Carlos Filipe

RÉSUMÉS

Over the last decade, multidisciplinary research involving the Heritage and History of the Marble Industry – PHIM has made it possible to disseminate knowledge about the historiography of Portuguese marble in the Alentejo region (Vila Viçosa, Borba and Estremoz), revealing its archaeological, social, economic and heritage aspects, as well as reflecting on its problems and opportunities.

With regard to preserving the collective memory of this industry, testimonies from former players have been collected (through interviews), and the information studied through oral history, in an attempt to highlight the most relevant aspects, whether labor, economic or social, identifying work processes and techniques, interpreting the know-how associated with the quarrying and cutting of marble and its technological evolution. Importance was also given to the information gathered on professional conditions, unionization, training and safety at work, as interpretative elements in all aspects of this economic sector.

In this sense, this text seeks to highlight a research project in oral history, its progress, and to safeguard the memory of individuals and communities linked to the marble industry, by analyzing the information gathered in individual interviews about professional experiences and knowledge as a contribution to the knowledge of this centuries-old activity, which is part of the Intangible Heritage.

ENTRÉES D'INDEX

Keywords : marble industry, Alentejo, oral history, Intangible Heritage

Palavras chaves : indústria do mármore, Alentejo, história oral, Património Imaterial

NOTE DE L'ÉDITEUR

O presente texto não segue a grafia estabelecida pelo Acordo Ortográfico de 1990.

TEXTE INTÉGRAL

1. A valorização de uma indústria com expressão internacional

- 1 Localiza-se nos municípios de Vila Viçosa, Borba e Estremoz, que fazem parte da região Central do Alentejo, a maior e mais importante reserva de mármore de Portugal. São mármore reconhecidos pela sua textura macro-cristalina e variedade policromática (azuis-acinzentados, brancos, cremes e rosas) e que têm sido explorados desde a época romana e aplicados até à contemporaneidade em edifícios civis, religiosos, militares, obras públicas e na produção de escultura. A sua procura tem constituído um comércio apreciável em termos de exportação e nos últimos cento e cinquenta anos assumiu

características globais, dando origem a uma moderna indústria que conheceu um rápido crescimento entre 1946–1986. Neste período, a chegada de muitas empresas permitiu um crescimento acelerado na exploração, com a abertura de centenas de pedreiras recorrendo ao financiamento de grandes capitais, processos técnicos modernos e tecnologia de ponta. Como consequência, verificou-se uma profunda alteração no território e um grande aumento de recursos humanos, o que acabou por influenciar a vida das comunidades em redor desta actividade secular.

- 2 A pertinência de uma investigação sobre esta temática no domínio das ciências sociais e humanas era por demais óbvia, tendo em conta os testemunhos arqueológicos e imateriais de uma continuada tradição de técnicas de trabalho nesta actividade. Acresce que as referências à região destes mármore estava amplamente representada em literatura ao nível da geologia e geotectónica, uma temática que necessitava de um sólido estudo histórico e patrimonial.
- 3 Com esse propósito, surgiu em 2012 o estudo dedicado ao Património e História da Indústria dos Mármore – PHIM.¹ Investigação dotada desde o início de uma abordagem pluridisciplinar, desenvolvendo o projecto a pesquisa em fases distintas para os períodos históricos: Clássico, Medieval, Moderno e Contemporâneo, em áreas da geologia, arqueologia, património industrial, história da arte, da arquitectura e urbanismo, da evolução das técnicas e tecnologias, da economia, do direito das minas e pedreiras, e dos aspectos laborais e sociais, recolhidos pela história oral como forma de salvaguarda da memória colectiva desta interessante actividade económica. O trabalho de recolha foi desenvolvido com o objectivo de complementar o estudo da indústria dos mármore nas suas múltiplas dimensões, desde a prática de lavra da jazida ao seu talhe e aplicação, ensaiando assim o estabelecimento de relações e técnicas entre o recurso natural e a evolução artística, escultórica, ornatista, arquitetónica e urbanística. Pretendeu-se igualmente contribuir para uma reflexão sobre o património material e imaterial que estava sendo identificado, representado na arte ao longo da história desta actividade, como forma de disseminação do conhecimento, através de iniciativas culturais e de valorização de conteúdos destinados ao turismo industrial. Tem igualmente contribuído para capacitar os agentes e comunidades para a abordagem de problemas ambientais que se colocam, ou ainda para novos desafios de reorganização do sector industrial no território a partir da oportunidade de uma economia circular.
- 4 Não menos importante é o aspecto do financiamento que tem sido alcançado: é diversificado, destacando-se as três candidaturas de apoio do Quadro Comunitário Regional.²
- 5 No que diz respeito aos resultados alcançados, podemos mencionar entre outros: a criação de um portal *web* dedicado – *marmore-cechap*³ – com vários atributos informativos, onde podem ser consultados os *outputs* deste estudo, a sua descrição, materiais de divulgação, uma página direccionada ao Centro de Documentação, reunindo um repositório de fontes documentais e bibliografia em geral. Da investigação, resultou a publicação de cinco volumes, até à data, reunindo a produção historiográfica e

ainda dois cadernos de educação patrimonial em suporte gráfico e digital, estes últimos destinados aos ciclos escolares, do 1.º, 2.º e 3.º ciclos.⁴ Em termos de artigos científicos em publicações nacionais e internacionais, são cerca de cinco dezenas, bem como mais de uma centena de participações em eventos nacionais e internacionais com comunicação. De referir ainda que foram organizados uma dezena de eventos científicos de carácter internacional. Contam-se ainda duas teses de doutoramento, uma defendida e outra em curso, quatro dissertações de mestrado, uma delas em curso, e o apoio em várias outras (mestrado e doutoramento), nacionais e internacionais, nas quais o uso do mármore foi o elemento central do estudo. Por último e como iniciativa mais recente, foi disponibilizado *online* o jogo «Ouro Branco. O desafio».⁵ Trata-se de um jogo de perguntas e respostas dedicado às ciências, desafiando os jovens e familiares a testarem os seus conhecimentos, tendo como propósito fomentar o gosto pela geologia a história e o património da região do maciço dos mármore.

2. História e memória na indústria dos mármore: o contributo do testemunho oral

- ⁶ A história oral constitui um contributo importante para o estudo da história do património industrial dos mármore, centrada na indústria extractiva, transformadora e nas indústrias subsidiárias, estudo que se inscreverá numa lógica de interdisciplinaridade. Permite-nos produzir conhecimento sobre um sector económico através da recolha de testemunhos dos seus actores directos. No caso da indústria dos mármore, esse método implicou uma selecção relativamente à experiência dos entrevistados.⁶ É uma história viva, vivida e contada na primeira pessoa, que permitiu obter informações sobre a história recente, explorando aspectos da vida real, de um passado, que não se encontravam documentados.
- ⁷ A modernização do sector das rochas ornamentais em Portugal teve lugar no pós da Primeira Guerra Mundial, operando alterações profundas na paisagem dos territórios de exploração. Na geografia do maciço dos mármore de Vila Viçosa, Borba e Estremoz, a actividade milenar, que decorria numa escala bem limitada com formas e técnicas de trabalho muito precisas, deu lugar a uma actividade industrial de envergadura, com uma exploração vertiginosa, na qual máquinas e novas fontes de energia surgiram para alcançar uma produção cada vez mais intensa, levando à substituição das paisagens agrícolas de produção de vinho e azeite por pedreiras a céu aberto com uma profundidade cada vez maior.
- ⁸ No meio desta evolução industrial, as pedreiras de mármore têm sido um meio de absorção de mão-de-obra. Os trabalhadores, atraídos por salários mais elevados do que aqueles praticados no sector agrícola, viriam a constituir a necessária mão-de-obra para a expansão do sector. Para se ter uma ideia deste fenómeno, refira-se que no século passado, na década de 30, uma dezena de pedreiras em funcionamento absorviam cerca de uma centena de trabalhadores. Na década de 90, das duzentas e cinquenta pedreiras em actividade, detinham ao seu serviço mais de dois mil e quinhentos trabalhadores,

numa zona que viu surgir (oficialmente) entre os anos de 1918 e 2011, quatrocentas e vinte pedreiras de mármore.⁷

- 9 Estes trabalhadores, que mantiveram ao longo de séculos os mesmos modelos de trabalho, são herdeiros de técnicas tradicionais na lavra das pedreiras e nos ofícios de talhe de cantaria. De facto, representam o capital humano deste sector, dando vida à indústria com o seu esforço físico e o seu conhecimento empírico na transmissão oral do saber fazer entre gerações, com um reduzido acesso ao ensino e à formação produzida por documentos normativos de novas técnicas de trabalho para este sector.
- 10 Na verdade, os antigos trabalhadores são hoje os actores indispensáveis à construção de uma memória colectiva, contribuindo com os seus relevantes testemunhos de vida para um património imaterial dedicado à indústria do mármore.
- 11 Por esse motivo, o estudo PHIM tem dado particular importância na recolha e salvaguarda dos testemunhos dos actores desta indústria, na medida que encontrou relatos no contexto das suas profissões, através da experiência de vida que muitos tiveram, com a proximidade dos acidentes, por vezes mortais, correndo um risco diário nas pedreiras.
- 12 Procurou-se assim através das entrevistas abarcar alguns dos conhecimentos já descritos por Verena Alberti, incidindo na história do quotidiano, nos padrões de sociabilização e trajectórias sociais, história das comunidades, histórias de experiências e, em última análise, história das instituições, em particular das empresas exploradoras.⁸
- 13 Mas alarguemos a todos os trabalhadores do sector, englobando por exemplo o caso dos Canteiros. Toda a sua aprendizagem era demorada, e nem todos resistiam à continuação da profissão, pois tratava-se de um processo de labor e exigência nas técnicas de ornato, da escultura ou da produção de peças para a aplicação na arquitectura. Os que conseguiam alcançar o estatuto de canteiro de ornato manifestam o orgulho de ficarem associados às grandes obras das quais fizeram parte, integrando-se assim na partilha da valorização do património produzido.
- 14 Neste sentido, a história oral é um campo de estudo que nos permitiu compreender a evolução e a dinâmica desta indústria através dos seus actores directos, para a construção de uma paisagem de património cultural e social ligado ao mármore. Assim, entre 2011 e 2021, decorreram as primeiras campanhas de entrevistas, com um total de quarenta testemunhos já validados, no qual se incluem os antigos empregados das pedreiras, empresários, mestres de pedreiras, cabouqueiros, serventes, serradores de fio, maquinistas, encarregados e técnicos diplomados. Na indústria transformadora, alguns pequenos industriais, os canteiros, os polidores ou brunidores. Demos igualmente atenção à indústria subsidiária, através das profissões conexas que interagem com o sector, como ferreiros, electricistas, produtores de cal e consultores de diversas áreas.⁹

Imagem 1. Telheiro de canteiros em Borba. Imagem histórica (anos 1960)



Fonte: PHIM / Arquivo CECHAP

Imagem 2. Entrevista ao canteiro Manuel Véstias, Estremoz



Fonte: PHIM / Arquivo CECHAP

Imagem 3. Entrevista ao caleiro Bernardino das Neves, Sousel



Fonte: PHIM / Arquivo CECHAP

Imagem 4. Entrevista aos trabalhadores de pedreira, Estremoz



Fonte: PHIM / Arquivo CECHAP

- ¹⁵ Sem a recolha destes testemunhos perdia-se, irremediavelmente, uma parte da nossa história colectiva, dos lugares, das técnicas e tecnologias, da vida social, do testemunho de sobrevivência, de um passado de riscos, entre a vida e a morte. Perdiam-se factos sobre as questões reivindicativas sindicais por melhores remunerações e segurança no trabalho, sobre o desenvolvimento tecnológico, sobre a formação e introdução de novas metodologias. O mesmo sucederia com as lembranças do convívio, os lugares e condições onde se juntavam para a «bucha» ou o almoço, os transportes para os lugares de trabalho, a relação de respeito mútuo entre patrões e trabalhadores. Perder-se-ia também o testemunho dos empresários, maioritariamente micro-empresários sem qualquer formação em gestão ou organização da sua actividade de quem dependiam os seus trabalhadores, com reduzida qualificação, numa luta conjunta de sobrevivência, com poucas possibilidades de progresso.
- ¹⁶ Assim, as entrevistas começaram numa primeira fase por serem assumidamente uma forma de complementar a documentação em falta (dispersa ou mesmo inexistente), mas rapidamente passaram a «privilegiar a recuperação do vivido concebido, conforme a concepção de quem o viveu»,¹⁰ ou seja, a dar cada vez mais importância aos entrevistados como elementos de uma comunidade bem delimitada.
- ¹⁷ De referir que, dos aspectos identificativos (de uma análise ainda em progresso), já foi possível realçar várias particularidades. Na alimentação, o recurso ao pão, queijo, azeitonas e alguma carne. Na mobilidade, a pé, de bicicleta e, a partir da década de 1960, o recurso à motorizada. Na higiene e segurança no trabalho, até aos anos oitenta do século passado faltavam as instalações sanitárias, as cantinas e equipamentos de

segurança. Os acidentes eram comuns no trabalho, alguns resultando em mortes. No que diz respeito à progressão no ofício, pelo menos para as primeiras décadas do século, os aprendizes iniciavam-se como desbastadores de blocos, entrando depois nas pedreiras ou no serviço mais exigente das oficinas. Sobre a dureza do trabalho, este de facto era um trabalho duro, no entanto os operários dos mármore ganhavam, já na década de 1930–1940, três vezes mais que os operários agrícolas.

- ¹⁸ Como refere Carlos Filipe, ¹¹ este trabalho permite «compreender os seus discursos no tempo e no contexto em que se situam a memória», valorizando-se assim um conjunto de informação procurando entre os testemunhos pontos de convergência e de divergência. A diversidade das entrevistas já realizadas permitiu-nos uma visão do sector em análise que não seria possível construir de outra forma.
- ¹⁹ Os passos seguintes deste trabalho pretendem também incluir as tradições religiosas, os léxicos e expressões, a música no espaço de trabalho e a presença da mulher nesta indústria. Serão assim concretizadas brevemente mais um conjunto de entrevistas a outros actores desta indústria, que não foi oportuno realizar numa primeira fase.

3. Considerações finais

- ²⁰ Este trabalho, embora em progresso, só foi possível graças ao testemunho de cada um dos informantes, associados a diversas realidades. A transmissão do seu conhecimento tornou-se peça fundamental para uma história partilhada de um sector e de um território, podendo nós retirar de cada assunto informações importantes para tratamento e preservação futura. Sem eles perdia-se, irremediavelmente, uma parte da nossa história colectiva, dos lugares, das técnicas e tecnologias, da vida social, do testemunho de sobrevivência, do perigo, da luta entre a vida e a morte.
- ²¹ Procuramos, assim, com este trabalho, compreender os seus discursos no tempo e no contexto em que se situam as suas memórias, valorizando o conjunto da informação e procurando encontrar as convergências e as divergências. A diversidade de entrevistas realizadas, fixadas pelas diversas profissões, lugares e experiências de vida, converge em pontos sensíveis, como se pode comprovar nos exemplos aqui apresentado. ¹²
- ²² Com o presente artigo, evidenciamos um trabalho de investigação recorrendo à história oral, preservando a memória dos indivíduos, das comunidades ligadas ao sector do mármore, registadas pelas transcrições das entrevistas individuais, sobre os saberes e vivências profissionais de cada um, como forma de contributo para o reconhecimento e transmissão deste património imaterial colectivo.
- ²³ Trata-se de um exemplo de preservação de memória oral que pode ser alargado a outras zonas na qual a indústria extractiva de rochas tem peso económico e social, sejam os calcários da zona centro ou os granitos da zona norte de Portugal.

Bibliographie

Alberti, V. (2004). *Ouvir contar: Textos de história oral*. FGV Editora.

Filipe, C. (2021). Indústria dos mármore no Alentejo durante o século XX. Do trabalho à memória. In A. C. Matos, J. Porfírio, & P. C. Freitas (Coords.), *Mármore 2 000 anos de História. Vol. IV: Contributo dos mármore do Alentejo para um percurso global* (pp. 371–515). Almedina.

Filipe, C. (Coord.). (2021). *À descoberta do “Ouro Branco”*. Centro de Estudos CECHAP.

Filipe, C. (Coord.) (2022). *À descoberta do “Ouro Branco”: Ciência e mármore n.º 2*. Centro de Estudos CECHAP.

Quintas, A. (2020). Os mármore do Alentejo em perspectiva histórica, de meados do século XIX a 2020. *História e Economia*, 23(2), 93–116.

Annexe

Anexo 1

Ficha de Identificação. Características independentes

1) Identificação pessoal

Nome

Idade e Naturalidade

Habilitações / Formação

2) Informações profissionais

Profissão

Empresa

Ramo de actividade

Descrição da actividade

Situação actual da Empresa

Patronato / Operário

Localização da empresa

Data do início da actividade

3) Outras informações

Observações

Contacto

Data da entrevista

Data da entrevista

Entrevistador

Anexo 2

Grelha de entrevista destinada a trabalhadores

Nome: _____

Tipo de registo: _____ Data: _____

Categoria profissional:

1. Quando foi o seu primeiro contacto com a indústria do mármore?
2. O que o levou a trabalhar para o sector dos mármore?
3. O que lhe diziam sobre o trabalho?
4. Quantos lá trabalhavam?
5. Qual a área da actividade da sua empresa?
6. Qual foi a sua primeira categoria profissional? E depois?
7. Para que empresas trabalhou?
8. Que funções desempenhou?
9. Lembra-se de crises na empresa?
10. Como o trabalho que desempenhava?

Ferramentas, máquinas e outras:

1. Qual foi a primeira ferramenta ou máquina que utilizou?
2. Que tipo de ferramenta/máquina manobrava?
3. Que outras ferramentas ou máquinas conheceu?
4. O que produzia a máquina?
5. O seu trabalho era colectivo ou individual?
6. Havia períodos em que era difícil o trabalho?
7. Acha que hoje as condições de trabalho são melhores? Porquê?
8. Recorda-se de algum episódio marcante com o trabalho da máquina?

Evolução socioeconómica:

1. Qual foi o seu primeiro ordenado?
2. E depois?
3. Que outras regalias dava a empresa?
4. Havia actividade sindical na empresa? Então o que discutiam nas reuniões?
5. Como era feito o transporte para pedreira?
6. Havia formação sobre higiene e segurança no trabalho?
7. Tinham precauções com o trabalho?
8. Teve algum acidente de trabalho?
9. Frequentou alguma formação por conta da empresa ou de outra entidade?
10. Quem fornecia o almoço e a bucha?

Questões de âmbito geral:

1. Qual a pior memória do seu trabalho?
2. Qual foi a melhor memória do seu trabalho?
3. Qual a importância da indústria na comunidade local?
4. Na comunidade havia muita gente lá a trabalhar?
5. Qual a opinião geral da comunidade em relação à indústria dos mármore?
6. Havia familiares a trabalhar na sua indústria? E tinham a mesma profissão?
7. Como encaravam o trabalho, lá em casa?

Notes de bas de page

1. Trata-se de uma investigação multidisciplinar promovida pelo Centro de Estudos CECHAP, Associação sem fins lucrativos com sede em Vila Viçosa. Este estudo tem vindo a ser realizado em parceria com centros de investigação das Universidades Portuguesas: CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (Universidade de Évora); IHC – Instituto de História Contemporânea (FCSH Universidade Nova de Lisboa); ESPP – Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Departamento de História (ISCTE-IUL); ARTIS – Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras (Universidade de Lisboa); IURIS – Instituto de Investigação Interdisciplinar em Direito da Faculdade de Direito (Universidade de Lisboa); e CEG – Centro de Estudos Globais (Universidade Aberta). Para mais informações, consultar a página web dedicada em: <https://www.marmore-cechap.pt/aboutUs> 

2. <https://www.marmore-cechap.pt/portfolio>  – 1.ª Fase: Programa Operacional do Alentejo 2007–2013, INALENTEJO, referência ALENT-08-0347-FEDER-002329; 2.ª Fase: Programa Operacional Regional do Alentejo2020, referência ALT-08-2114-FEDER-000077; e 3.ª Fase: Programa Operacional Regional do Alentejo2020, referência ALT20-08-2114-FEDER-000213.

3. <https://www.marmore-cechap.pt/> 

4. Filipe (Coord.), 2021, 2022.

5. <https://ourobranco.pt/sobre> 

6. Os testemunhos foram recolhidos a partir de entrevistas realizadas, mediante um guião pré-estabelecido que pode ser consultado nos anexos deste trabalho.

7. Quintas, 2020.

8. Alberti, 2004.

9. Os extractos das entrevistas realizadas podem ser consultadas em Filipe, 2021.

10. Alberti, 2004, p. 4.

11. Filipe, 2021.

12. Toda a documentação referente ao processo de entrevista (levantamentos, imagens, transcrições) encontra-se na coleção do «Do trabalho á memória». Fundo PHIM – Património e História da Indústria dos Mármore, incorporado no Arquivo Biblioteca ABAT – CECHAP em Vila Viçosa.

Auteurs

Armando Quintas

CIDEHUS – Universidade de Évora
Centro de Estudos Globais – Universidade Aberta
Centro de Estudos CECHAP

Carlos Filipe

CIDEHUS – Universidade de ÉvoraCentro de Estudos Globais – Universidade AbertaCentro de Estudos CECHAP



Le texte seul est utilisable sous licence [Creative Commons - Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International - CC BY-NC-ND 4.0](#) . Les autres éléments (illustrations, fichiers annexes importés) sont « Tous droits réservés », sauf mention contraire.